



CRENÇA E DEVOÇÃO: AS REPRESENTAÇÕES DE MARIA BUENO ENQUANTO SANTA DE CEMITÉRIO (PARANÁ, SÉCULOS XIX-XXI).

Tonia Kio Fuzihara Piccoli (PPH/UEM/Bolsista Capes)

Vanda Fortuna Serafim (PPH-UEM)

A problemática da pesquisa consiste em compreender a crença e a devoção a Maria Bueno, no Paraná, entre séculos XIX a XXI, tomando como fontes históricas o cemitério São Francisco de Paula enquanto espaço de culto e devoção, por meio da pesquisa de campo e da aplicação de questionários e análise dos ex-votos; o romance *Maria Bueno* de Sebastião Isidoro Pereira (1948) e as notícias publicadas em jornais, tais como *A República* e *A Federação*, sobre o assassinato de Maria Bueno. A opção teórica parte, principalmente, das noções de "táticas" e "estratégias" de Michel de Certeau (1998), "apropriações" e "representações" de Roger Chartier (CHARTIER, 1990, 2002) e "religiosidade católica" de Solange Ramos de Andrade (2010).

O entendimento da possibilidade de realização desta pesquisa deve-se à trajetória acadêmica de três anos junto ao Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades (DHI-UEM) e ao Núcleo de Pesquisas em História Religiosa e das Religiões (CNPQ) e mais recentemente, ao Laboratório de Estudos em Religiosidades e Culturas (DHI-UEM), sob a orientação da Dra. Vanda Fortuna Serafim e da Dra. Solange Ramos de Andrade. Além da participação no projeto de pesquisa docente desta última, "Ciência, Ideias e Crenças: história e cultura afro-brasileiras por meio de seus intelectuais".

Durante a graduação em História foram desenvolvidas pesquisas com a finalidade de compreender como Maria Bueno se configura enquanto uma santa de cemitério, a dicotomia entre a santa e a prostituta, práticas rituais, influências e representações sociais e as diversas interfaces em torno do nome Maria Bueno, chegando à problemática apresentada neste projeto. A primeira iniciação científica, intitulada *Maria Bueno: um estudo de religiosidade no Paraná*. (PICCOLI, 2011/2012), buscou compreender como Maria Bueno se insere na discussão acerca da religiosidade católica e entender como Maria Bueno se constitui enquanto uma santa de cemitério.

A segunda pesquisa de iniciação científica, *Maria Bueno: um estudo de religiosidade no Paraná e suas interfaces* (PICCOLI, 2012/2013), objetivou compreender a santidade em Maria Bueno e suas representações em diferentes contextos históricos, ou seja, sua interface



da Pomba-Gira inserida no contexto de religiosidade afro-brasileira; sua apreensão enquanto um símbolo feminista na atualidade e a representação de Maria Bueno enquanto Santa Prostituta e como essa imagem ainda faz parte do imaginário e da crença popular regional.

A terceira pesquisa de iniciação científica, em andamento, *A devoção a Maria Bueno e sua configuração enquanto santa de cemitério* (PICCOLI, 2014/2015), busca compreender o perfil do devoto de Maria Bueno e como Maria Bueno se configura enquanto uma santa de cemitério, por meio de questionários aplicados no Cemitério São Francisco de Paula, no dia de Finados, em Curitiba-PR.

O estudo das crenças e das devoções em torno de uma santa de cemitério não é necessariamente uma novidade nas Ciências Humanas¹. Nesse sentido, faz-se necessário apresentar o objeto de pesquisa em questão e a abordagem original que apresentamos em relação a ele e as pesquisas existentes. Jovem curitibana, parda e pobre, assim é descrita Maria da Conceição Bueno, nascida a 8 de dezembro de 1854 na cidade de Rio da Prata, próxima à Morretes, no Paraná. Quase 40 anos depois, Maria morreu degolada, vítima do soldado Ignácio José Diniz. Este momento é muito importante à reflexão, pois é a partir dele que abre um emaranhado de narrativas e explicações. O momento da morte de Maria Bueno seria, portanto, o que Mircea Eliade (1992) denominou “mito fundante”, ou seja, o evento priorizado para a organização dos demais.

O romance *Maria Bueno* (1948) de Sebastião Isidoro Pereira, aqui tomado como fonte histórica, contribuiu para moldar a aura de santa de Maria Bueno. Problematizar o livro de Pereira (1948) é importante por ter sido a primeira fonte impressa, mais abrangente, sobre Maria Bueno. E a primeira, também, que cita com riquezas de detalhes a figura de Maria Bueno como uma santa. Além disto, muito do imaginário criado em torno de Maria Bueno está presente nessa obra. A devoção em si aos poucos foi instaurada, mas a obra de Pereira (1948) contribuiu para a divulgação da figura mítica e também para o preenchimento de

¹ ANDRADE, Solange Ramos de. Um estudo de religiosidade popular: O santo Menino da Tábua, 1994. ANDRADE, Solange Ramos de; SERAFIM, Vanda Fortuna. A religiosidade católica e seus santos: o Cemitério Municipal de Maringá - PR como espaço de devoção, 2010; ARAÚJO, Maria das Graças Ferreira de. **Pequenas romarias para pequenos santos: um estudo sociográfico sobre o dia de Finados**, 1999; CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joaseiro**, 1976; GAËTA, Maria Aparecida Junqueira da Veiga. Corpo santo, alma santa: o culto e a devoção à Menina Izildinha em Monte Alto (1950-1997), 1999; GRASSI, Clarissa. **Um olhar... A arte no silêncio**, 2006; JURKEVICS, Vera Irene. **Os santos da igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular**, 2004; KOSTER, Julia Impéria. A construção de uma santidade popular e os direitos da mulher, 2011; LIMA, Andrea de Alvarenga. A saga de Maria Bueno: um retrato da alma de Curitiba, 2007; REIS, Martha dos. Iracema, a Santinha de Marília – Um estudo sobre a criação de um imaginário popular, 1993; STOLL, Sandra Jaqueline; SANTOS, Conceição dos; BRAGA, Geslline Giovana.; DURANDO, Vanessa **Maria Bueno: Santa de Casa**, 2011.

lacunas, em seu romance partes da vida de Maria Bueno que pareciam obscuras ou totalmente confusas foi ganhando forma. Se os relatos contidos no livro realmente aconteceram na vida de Maria Bueno, não se saberá, mas o que importa aqui é perceber como se dá a construção de um mito.

Para que se entenda como se apresenta a descrição da santa Maria Bueno, que desde seu nascimento parecia destinada ao sagrado, será transcrito parte do relato de Sebastiana Garcia, que dizia ter conhecido Maria Bueno enquanto jovem e ouvido “da boca de Maria” esta história. Este relato está presente no livro *Maria Bueno* (1948) de Sebastião Isidoro Pereira, e o autor afirma ter colhido este depoimento de linguagem simples e o traduzido tal como ele foi dito, sem acrescentar exageros de adjetivos por sua conta.

Era uma moça muito bonita, uma cabocla e tanto. Os pais dela chamavam-se Pedro e Julia. Tinha ela mais três irmãs que casaram e sumiram. Quando ela nasceu o pai ficou odiando a filha e tomou um pileque no dia que a viu, dois dias depois que chegou de uma viagem. Nesse dia ele quis dar com uma garrafa numa amiga da mãe dela e não pode porque um relâmpago fortíssimo o prostrou por terra no quarto, onde ficou dormindo embriagado. A mãe de Maria Bueno um dia antes de lhe dar a luz, sonhou que viu Nossa Senhora da Conceição que lhe disse: “Essa menina vai cumprir uma missão na terra”. (PEREIRA, 1948, P. 17)

É possível perceber na citação acima, ainda que seja apenas um fragmento do relato original, a construção mítica de Maria Bueno. Na fala de dona Sebastiana de que um dia antes de lhe dar a luz a Maria Bueno, a mãe teria sonhado com Nossa Senhora da Conceição, a qual lhe teria dito que a filha iria cumprir uma missão na terra, fica clara a alusão à Virgem Maria; tal como a mãe de Jesus recebeu o aviso de um anjo da luz de que carregaria no ventre o filho de Deus, dona Julia, mãe de Maria Bueno, também recebeu de uma santa tal prenuncio de sacralidade. É uma tentativa efetiva - não quer dizer intencional ou ainda mal intencionada - de ligar Maria Bueno ao catolicismo institucional em que santos já nascem predestinados a serem santos e viver em santidade.

As premissas do nascimento se repetem nos momentos que antecedem a morte:

Um dia antes de Maria ser morta ela ainda falou comigo quando se dirigia para casa onde ela ia fazer uns doces para uma pequena festa. Eu só soube da morte dela no dia seguinte ao meio dia. Não fui vê-la porque não tive coragem. Fiquei muito penalizada com a morte dela. Mas depois descobriram o criminoso, que era um soldado do Oitavo Regimento. Mas tarde ele foi solto pelo Gumercindo (8)² que

² Segundo Jurkevics (2004), Diniz, anteriormente expulso do Exército, teria se engajado ao lado dos maragatos, denominação pejorativa que se atribui aos imigrantes de certa região da Espanha, de que Gumercindo Saraiva (espécie de líder dos Rebeldes) era descendente. Porém, meses depois, fazendo patrulha, no bairro de Atuba, Diniz e um companheiro, teriam matado um comerciante daquela região a fim de lhe roubar uma mula e seus arreios. Por esse motivo foi punido a tiros pelo pelotão de Saraiva, que apesar de atitudes pouco morais como libertar presos, não aceitava tais comportamentos.



soltou os presos quando entrou na cidade. Mas o soldado também foi fuzilado pelo mesmo Gumercindo. Eu soube disso e fiquei contente, porque Deus castigava o bandido que havia morto a minha amiga Maria Bueno.” (PEREIRA, 1948, P.19)

Isidoro Pereira (1948) destaca, ainda, que Maria Bueno apenas se dirigia à casa para fazer doces para uma festa, sublinhando neste relato, que a festa, para Maria Bueno, é apenas uma oportunidade de trabalho. Trabalho de uma mulher prendada. Em momento algum é mencionado que Maria frequentava festa, nem seu suposto envolvimento com Ignácio Diniz. É a vida santa que se procurava em Maria Bueno. O fuzilamento de Ignácio Diniz é também evocado como um castigo divino pelo assassinato de Maria Bueno. Aqui está clara a intervenção divina para castigar aquele que ousou matar uma santa. Entende-se que na vida de Maria Bueno havia um sentido maior que guiava todos os acontecimentos. Ela deveria se entregar ao martírio, porém o algoz tinha que ser punido no final, senão qual o sentido do sofrimento?

Como é possível notar, tudo converge para o momento em que Maria Bueno se livraria de sua existência carnal para assumir de vez o papel para o qual sempre foi destinada, o de ser uma santa. O prelúdio de seu nascimento. A infância sofrida. O fato de ser órfã – recorrente em muitos mitos de mártires. A negação de colaborar com um adultério. O namoro casto e a vida humilde carregada de trabalho. O clamor por Deus. E por fim a morte trágica para preservar sua virgindade.

Para a compreensão da construção mítica de Maria Bueno, será de grande valia o estudo realizado por Vera Irene Jurkevics, *Os santos da igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular* (2004), por apresentar uma versão mais mundana da história de Maria Bueno – contraponto com a visão de Pereira (1948). Segundo a autora Maria Bueno era uma mulher das classes subalternas da sociedade recém-republicana de Curitiba, era parda – ao contrário de sua figura alva, mas comumente retratada – e por causa da origem humilde e de costumes pouco convencionais para época era considerada uma cidadã de segunda classe; portanto vista mais como uma causadora do que vítima da própria desgraça.

Compreender o processo de construção da personagem pelo culto é tão instigante quanto reconstruir sua biografia – afirma Sandra Jacqueline Stoll no livro *Maria Bueno: Santa de Casa* (2011). Um das percepções presentes nesta obra é de que haveria uma “relação horizontal” que os devotos estabelecem com os santos, ou seja, a leitura de uma vida impura de Maria Bueno, purificada com sua morte, apresenta uma existência mais mundana, que a próxima de seus devotos e institui a possibilidade de salvação.

Andréa Alvarenga de Lima, em *A saga de Maria Bueno: um retrato da alma de Curitiba* (2007) atenta à presença dos mitos dentro da religião moderna e suas nuances psicológicas. Ao preocupar-se com fatores mentais que criam mitos, demonstra como uma história aparentemente comum pode conter várias nuances mitológicas em sua própria forma de ser e também como outras nuances podem ser acrescida de acordo com a “necessidade” de se criar um personagem mítico. Na narrativa de Maria Bueno encontraremos várias imagens arquetípica mescladas a um fato histórico, constituindo um enredo do herói da saga local, que é uma figura humana concreta, com sentimentos e ambiguidades. E é nesse conceito de “saga do herói” que Maria Bueno se insere enquanto um ícone feminista regional e atemporal.

Solange Ramos de Andrade dialoga com a criação do mito Maria Bueno no artigo “O culto aos santos: a religiosidade católica e seu hibridismo” (2010b) demonstrando a redenção pelo martírio da morte, um dos elementos, talvez o principal em se tratando de catolicismos, que pode “levar um indivíduo para o reino de seu Criador”. Nas palavras de Andrade, Maria Bueno a santa de cemitério, dialoga perfeitamente com o tema martírio como forma de expiração dos pecados ao ter seu desenlace precedido por tamanho sofrimento: nos relatos da perícia da época o corpo encontrado é descrito com fundos cortes nas mãos que indicam que a vítima lutou muito para não ser morta. Além do golpe a navalhadas no pescoço que quase separou sua cabeça do corpo. (ANDRADE, 2010b).

Exposto os pressupostos instaurados pela nossa fonte, o romance *Maria Bueno* (1948) de Sebastião Isidoro Pereira e as análises bibliográficas específicas sobre a temática, convém destacar que a nossa análise, não se volta apenas à construção histórica de Maria Bueno, seja por meio do romance ou das notícias de jornais. Embora não se abdique destas premissas, o estudo volta-se a compreensão da prática religiosa por meio do estudo das devoções e crenças presentes entre os devotos que visitam o túmulo de Maria Bueno, no Cemitério São Francisco de Paula, no dia de Finados, em Curitiba-PR. Por meio de questionários aplicados aqueles que frequentam o túmulo, busca-se estabelecer o perfil do devoto de Maria Bueno, na atualidade.

A primeira amostragem é de 2013 e buscou estabelecer idade, sexo, localidade, escolaridade, profissão, religião, relação com o espaço de culto de Maria Bueno, ou seja, o cemitério, a frequência e as motivações com as quais visita o túmulo de Maria Bueno, o que conhece e como soube da história de Maria Bueno, se faz pedidos ou já teve graças alcançadas, como homenageia Maria Bueno, quais tipos de assuntos o leva a recorrer a Maria Bueno e o significado que ela possui. Neste sentido, o termo santidade não é indicado a pessoa abordada, mas a ideia é perceber se ele surge e de que maneira. A próxima aplicação



de questionários está prevista para 02/11/2014 e pretende-se continuá-la nos dois anos que constituem o período de realização do mestrado. Considerando que “Todo santo tem uma característica primordial: ele só é santo se faz milagre” (ANDRADE, 2010b, P. 139), perceber a relação entre Maria Bueno e seus devotos é um processo fundamental a compreensão da crença religiosa.

Considerando a proposta desta pesquisa em compreender a crença e a devoção a Maria Bueno, no Paraná, entre os séculos XIX a XXI, buscando compreender como Maria Bueno se configura enquanto uma santa de cemitério, a organização de seu culto, o perfil de seus devotos e as diversas representações e apropriações acerca da figura de Maria Bueno; faz necessário definir alguns pontos de partida teóricos para a realização deste estudo.

Para a história, cultuar santos em seus jazigos não é novidade, para ser mais exato foi exatamente assim que os primeiros cultos aos santos começaram. Nos primórdios do cristianismo, como atesta a historiadora Solange Ramos de Andrade (2010), os devotos dos primeiros santos se dirigiam para onde estes estavam enterrados e lá faziam orações, pedidos de interseção e depositavam oferendas. Com o tempo para abrigar essas relíquias depositadas por seus fiéis, foram sendo construídas capelas ao redor desses sepulcros; e os santos mais populares acabaram ganhando construções maiores, os templos. Foi assim que surgiram as primeiras igrejas dedicadas aos santos. Portanto, historicamente falando, todo santo em seu primórdio era um santo de cemitério. Hoje em dia institucionalizados como Santos Padroeiros Locais.

A respeito da historicidade dos santos, descobrimos que os primeiros santos a serem cultuados foram os mártires e que a devoção por eles foi dada de maneira espontânea, como se o povo reconhecesse uma divindade naquele que sofre em nome de Cristo. Com o passar do tempo, porém, o conceito de mártir passou a abranger não apenas aqueles que davam a vida para defender a palavra de Cristo, mas também aqueles que morriam de forma violenta, provocado por homicídio ou doenças graves que causavam períodos prolongados de dor e sofrimento. O sofrimento na Terra representaria a redenção por seus pecados e a morte uma possibilidade de purificação. (ANDRADE, 2010).

De acordo com Solange Ramos de Andrade (2010), a busca para uma conceituação das manifestações populares no catolicismo coincide justamente com o período em que a Igreja percebe que está perdendo fiéis para tais práticas. Seja para grupos dissonantes como a Umbanda, espiritismo, protestantismo ou mesmo para vertentes dentro de sua própria doutrina como é o caso dos santos de cemitério.

"É denominada religiosidade popular, a religião de massa latino-americana, mais especificamente como sinônimo de catolicismo popular, o catolicismo dos santos, das procissões, dos rituais sem presença oficial. O olhar se volta exclusivamente para esse catolicismo que vai designar várias manifestações religiosas sempre com essa nomenclatura." (ANDRADE, 2010, P. 143-144)

A tentativa de incorporar tais práticas a Igreja, sob a nomenclatura de “popular” seria uma modo encontrado pela Igreja de manter seus fiéis e ter controle dessas práticas, para que não assumissem condições de ruptura.

Para mim, a Igreja Católica utiliza a acepção tradicional de tolerância, pautada na condescendência para as manifestações extraoficiais, caracterizadas como não lícitas, cuja proibição acarretaria inconvenientes de várias espécies.(ANDRADE, 2010, P. 153)

A partir do exposto, os conceitos de “estratégias” e “táticas” de Michel de Certeau (1994) nos auxilia a pensar o culto a Maria Bueno sob a modalidade de “práticas instituídas”.

Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos de pesquisa etc.). Como na administração de empresas, toda racionalização “estratégica” procura em primeiro lugar distinguir de um “ambiente” um “próprio”, isto é, o lugar do poder e do querer próprios. Gesto cartesiano, quem sabe: circunscrever um próprio num mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do outro. Gesto da modernidade científica, política ou militar. (CERTEAU, 1998, P. 99).

Se as “estratégias” permitem a instituição católica a manutenção de uma certa unidade, ainda que sob o signo de tolerância; as “táticas” por sua vez, implicam a ausência de um próprio³. Ou seja, nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia.

A tática não tem por lugar senão o outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia Von Büllow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do

³ Ou seja, “Uma vitória do lugar sobre o tempo permite capitalizar vantagens conquistadas, preparar expansões futuras e obter assim para si uma independência em relação à variabilidade das circunstâncias. É um domínio do tempo pela fundação de um lugar autônomo” (CERTEAU, 1998, P. 99).

poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. (CERTEAU, 1998, P. 100)

Pensar que a tática é a arte do fraco, não significa entendê-los como vencidos, pois “Quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais esta estará sujeita à astúcia. Traduzindo: tanto mais se torna tática” (CERTEAU, 1998, P. 101). Reconhecer isto, pressupõe entender a cultura enquanto prática instituída e instituinte, a medida que formaliza as práticas. É nesse sentido que se endossa a recusa pelo termo “santo popular”, optando-se pela noção “santo de cemitério”, dialogando com a noção de “religiosidade católica”.

Conceituado como religiosidade católica todas as manifestações que envolvem as crenças e práticas ligadas ao catolicismo, que tem como ponto crucial o culto aos santos reconhecidos ou não pela Igreja. É o contato com um transcendente que, apesar de estar fortemente ligado ao institucional, ao mesmo tempo distancia-se dele, num processo de apropriação que muitas vezes marca um conflito simbólico na adoção de crenças e práticas não sancionadas. A partir da constatação de que, nessas manifestações fica difícil detectar o limite entre o institucional e o não institucional por se tratarem de expressões complexas, nas quais o devoto acredita estar vivendo sua religião, sem a preocupação dela estar ou não sancionada pela instituição, prefiro adotar um termo mais abrangente na tentativa de fugir ao reducionismo. (ANDRADE, 2007, P. 132-133).

A opção pelo termo “santo de cemitério” implica no reconhecimento das práticas individuais na formação das representações coletivas. Corrobora o entendimento de Michel de Certeau, de que o que caracteriza a enunciação religiosa é a inscrição da experiência vivida numa linguagem, mas de forma a suscitar uma interpelação sobre a alteridade de sentido, demandando do sujeito crente um posicionar-se e um agir: “[...] entendo por ‘crença’ não o objeto do crer (um dogma, um programa etc.), mas o investimento das pessoas em uma proposição, o ato de enunciá-la considerando-a verdadeira – noutros termos, uma ‘modalidade’ da afirmação e não seu conteúdo” (CERTEAU, 1998, P. 278).

As motivações que justificam o culto a Maria Bueno são diversas. Segundo Alba Zaluar (1983), a devoção aos santos está carregada de aspectos práticos em detrimento aos aspectos formais; em toda localidade existe a devoção a algum santo, que são homenageados por meio de novenas, ladainhas, festas ou danças. Os santos mais poderosos têm seu dia de festa. É marcante a preocupação com a doença e os outros males aos quais se atribuem causas sobrenaturais. A decisão de recorrer aos diversos tipos de curadores existentes localmente parece decorrer de raciocínios mais ou menos integrados (ZALUAR, 1983). O campo sob o domínio de Deus e dos santos não está necessariamente limitado às doenças. A ajuda dos santos é invocada para todos os acontecimentos em que existem elementos de incerteza e que escapam ao controle humano.



Dessa maneira, considerando que Maria Bueno, como constatamos por meio da aplicação de questionários e das pesquisas de campo, é uma santa de cemitério de interfaces múltiplas e procurada por motivos diversos, parecem essenciais a esta pesquisa os conceitos de “apropriação” e “representação”. O uso do conceito de “apropriação” possibilita uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Conceder deste modo à atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, determinam as operações de construção do sentido é reconhecer que as inteligências não são desencarnadas, e que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas. (CHARTIER, 1990, 2002).

A opção pelo conceito de “representação” é porque este nos permite articular três modalidades de relação com o mundo social: primeiro, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos. Segundo, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição. E por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns representantes (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, por meio das séries de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente à uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou das imagens) que dão a ver e a pensar o real. (CHARTIER, 1990, 2002).

A fim de compreender a crença e a devoção a Maria Bueno, no Paraná, entre os séculos XIX a XXI, propõem-se a análise inicial dos seguintes documentos: o cemitério enquanto espaço de culto e devoção por meio da pesquisa de campo e da aplicação de questionários e análise dos ex-votos; o romance *Maria Bueno* de Sebastião Isidoro Pereira (1948) e as notícias publicadas em jornais sobre Maria Bueno, tais como *A República* e *A Federação* que publicaram notícias à época do assassinato de Maria Bueno.

Em linhas gerais, a fim de pensar o cemitério enquanto espaço de culto e devoção parte-se da obra *O sagrado e o Profano* de Mircea Eliade (1992), por entendê-lo como um espaço sacralizado, a partir da noção de *Axis Mundi*, simbolismo do Centro do Mundo; É ele que, na maior parte dos casos, nos permite entender o comportamento religioso em relação ao “espaço em que se vive”. Ao instaurar e fundar um novo centro do universo que permite a comunicação é preciso considerar uma sequência de concepções religiosas e imagens

cosmológicas que são solidárias e se articulam num “sistema”, ao qual se pode chamar de “sistema do Mundo”, envolvendo a compreensão de que um lugar sagrado constitui uma rotura na homogeneidade do espaço; essa rotura é simbolizada por uma “abertura”, pela qual se tornou possível a passagem de uma região cósmica a outra; a comunicação com o Céu é expressa indiferentemente por certo número de imagens referentes todas elas ao *Axis Mundi* (pilar, escada, montanha, árvore, cipó); e em torno desse eixo cósmico estende-se o “Mundo” (“nosso mundo”) – logo, o eixo encontra-se “ao meio”, no “umbigo da Terra”, é o Centro do Mundo.

Como alerta Andrade (2010b) ao tratar dos santos de cemitério, o espaço central dessa devoção, o altar desse santuário, é o seu túmulo que recebe uma multidão de fiéis durante o ano todo. Contudo, é no dia do aniversário de sua morte ou no Dia de Finados, que a presença dos fiéis se torna maior. Como forma de devoção, as pessoas que o visitam acendem velas, fazem pedidos, deixam mensagens de agradecimentos pelo milagre recebido e rezam. Se o santo tiver uma capela ou uma sala de milagres, são deixados ex-votos (objetos em gesso ou cera representando a parte do corpo curada, fotografias e outros objetos), que representam a efetivação do milagre alcançado. No caso de Maria Bueno encontra-se um muro repleto de placas votivas, de agradecimento, confirmando a crença na realização do milagre.

Nesse sentido a pesquisa de campo e observação participante torna-se fundamental, pois, como indica Carlos Rodrigues Brandão (1985) elas foram “inventadas” como metodologia não a partir da lógica do sujeito pesquisador, ou de sua ciência, mas da própria cultura que investiga, tal como expressam os próprios sujeitos que a vivem (BRANDÃO, 1985, P. 13). Considerando o uso de aplicação de questionários, convém ressaltar que se tem em mente que “o formato mesmo do questionário, elaborado unilateralmente pelo pesquisador, bloqueia o surgimento de dados novos e inesperados” (BRANDÃO, 1985, P. 29-30). Da mesma forma que quanto mais nos fechamos dentro de um quadro teórico rígido, mais veremos as respostas se limitarem a confirmar ou desmentir as hipóteses iniciais sem, contudo, abrir brechas ou espaços para a elaboração de outras hipóteses. É em virtude deste entendimento que o questionário completa a possibilidade de resposta abertas e livres, ou seja, além de dar opções de resposta a quem responde o questionário, contempla-se opções como: “Para você Maria Bueno significa...”. Ao partir desta técnica mais livre se “estimula a livre expressão da pessoa com quem se conversa, amplia o campo do discurso” (BRANDÃO, 1985, P. 29-30).



O romance *Maria Bueno* de Sebastião Isidoro Pereira (1948) por tratar-se de um uma obra escrita pressupõe a análise do documento enquanto monumento. Ou seja, utiliza-se as noções de *monumentos* (herança do passado) e *documentos* (escolha do historiador), de Le Goff (1974), entendendo que o romance em questão ainda que seja uma escolha do historiador, não se apresenta por si mesma como uma prova histórica. Uma vez que não existe um documento objetivo, inócuo ou primário, é fundamental à problematização, o questionamento, o diálogo com nossas fontes, que são dois documentos escritos, logo, são expressão de uma época, de um determinado modo de pensar e interagir com o mundo.

A mesma postura é válida para análise dos jornais, seguindo as indicações de Tânia Regina de Luca (2008) sobre a necessidade de encontrar as fontes e constituir uma longa e representativa série. Para a finalidade da pesquisa proposta temos acesso à boa parte das notícias de jornais, já digitalizados, e outras podem ser consultadas na Biblioteca da Universidade Federal do Paraná. É importante também buscar localizar essas publicações na história da imprensa; além de atentar as características de ordem material, tais como periodicidade, impressão, uso de iconografia e publicidade. É relevante perceber a organização interna no conteúdo, os termos utilizados e identificar o grupo responsável pela publicação. Problematizar o público alvo do jornal também será uma das preocupações adotadas. Enfim, todos os aspectos indicados por Luca (2008) serão levados em consideração na medida em que nos auxiliarem a analisar todo o material de acordo com a problemática da pesquisa.

Bibliografia

ANDRADE, Solange Ramos de. **Um estudo de religiosidade popular: O santo Menino da Tábua**. Tese (Mestrado em História) Assis – SP: Universidade Estadual Paulista, 1994.

ANDRADE, Solange Ramos de. A identidade Católica: entre a religião e a religiosidade. In: **Identidades religiosas**. Franca – SP: UNESP/FHDSS; Civitas Editora, 2008. P. 253 – 281.

ANDRADE, Solange Ramos de; SERAFIM, Vanda Fortuna. A religiosidade católica e seus santos: o Cemitério Municipal de Maringá - PR como espaço de devoção. In: **História Agora**. Ano VIII v.10, 2010. P. 103 – 136. Disponível em: <http://www.historiagora.com/revistas-antiores/historia-agora-no10/50-dossie/219-a-religiosidade-catolica-e-seus-santos-o-cemiterio-municipal-de-maringa-pr-como-espaco-de-devocao>.



- ANDRADE, Solange Ramos de. O culto aos santos: a religiosidade católica e seu hibridismo. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Ano III n. 7, Mai, 2010. P. 131-145. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao>.
- ARAÚJO, Maria das Graças Ferreira de. **Pequenas romarias para pequenos santos: um estudo sociográfico sobre o dia de Finados**. Belo Horizonte – MG. Pontifícia Universidade de Minas Gerais, 1999.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a Pesquisa Participante**. 2.ed. São Paulo – SP: Brasiliense, 1985.
- BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. 3.ed. São Leopoldo – RS: Editora Unisinos, 2003.
- CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joazeiro**. v. 13. Rio de Janeiro – RJ: Editora Paz e Terra, 1976.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro – RJ: Forense Universitária, 1982.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis – RJ: Vozes, 1998.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre – RS: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro – RJ: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. **Textos, impressão, leitura**. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo – SP: Martins Fontes, 1992.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. 1.ed. São Paulo – SP: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1992.
- GAÊTA, Maria Aparecida Junqueira da Veiga. **Corpo santo, alma santa: o culto e a devoção à Menina Izildinha em Monte Alto (1950-1997)**. Tese (Mestrado em História) Franca – SP: CAPES/FAPESP, 1999.
- GRASSI, Clarissa. **Um olhar... A arte no silêncio**. 1.ed. Curitiba – PR: Editora Clarissa Grassi, 2006
- JURKEVICS, Vera Irene. **Os santos da igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular**. Curitiba – PR: Universidade Federal do Paraná, 2004.
- KOSTER, Julia Impéria. A construção de uma santidade popular e os direitos da mulher. In: **Âmbito Jurídico**. Ano XIV n. 86, Mar, 2011. Disponível em:



http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=9222&revista_caderno=3.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **Historia novos problemas**. 4.ed. Rio de Janeiro – RJ: Francisco Alves, 1974.

LIMA, Andrea de Alvarenga. A saga de Maria Bueno: um retrato da alma de Curitiba. In: **Psicologia Argumento**. Ano III, v. 25 n. 49, ABR/JUN, 2007. P. 173 – 185. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/pa?dd1=1659&dd99=view>.

LUCA, Tânia Regina. Historia dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINKSY, Carla (org.). **Fontes Históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008. P. 111 – 154.

PICCOLI, Tônia Kio Fuzihara. **Maria Bueno: um estudo de religiosidade no Paraná**. Maringá, 2011/2012. 50 P. Projetos de Iniciação Científica (PIC). Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá.

_____. **Maria Bueno: um estudo de religiosidade no Paraná e suas interfaces** Maringá, 2013/2014. 44 P. Projetos de Iniciação Científica (PIC). Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá.

_____. **A devoção a Maria Bueno e sua configuração enquanto santa de cemitério**. Maringá, 2014/2015. 40 P. Projetos de Iniciação Científica (PIC). Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá.

REIS, Martha dos. **Iracema, a Santinha de Marília – Um estudo sobre a criação de um imaginário popular**. Tese (Mestrado em História) Assis – SP: UNESP – Universidade Estadual Paulista. 1993.

STOLL, Sandra Jacqueline; SANTOS, Conceição dos; BRAGA, Geslline Giovana; DURANDO, Vanessa. **Maria Bueno: Santa de Casa**. 22ª ed. Curitiba: Edição do autor, 2011.

ZALUAR, Alba. **Os Homens de Deus. Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular**. Rio de Janeiro – RJ: Zahar, 1983.

Fontes:

PEREIRA, Sebastião Isidoro. **Maria Bueno**. Curitiba – PR: Editora Gráfica Mundial, 1948.

Tônia Kio Fuzihara Piccoli. Pesquisa e observação participante Cemitério São Francisco de Paula, Curitiba-PR, 02/11/2013.

Tônia Kio Fuzihara Piccoli. Série de questionários aplicados Cemitério São Francisco de Paula, Curitiba-PR, 02/11/2013.



Jornais: FEDERAÇÃO, A: 01.02.1893

REPÚBLICA, A: 01.02.1893; 02.03.1893; 14.07.1893

stintas.